

# Processos educativos em suas dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas

 **NILDA GUIMARÃES ALVES\***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

 **NOALE TOJA\*\*\***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

 **LEONARDO RANGEL\*\*\***

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Salvador – BA, Brasil.

*em mim / eu vejo o outro / e outro / e outro / enfim dezenas / trens  
passando / vagões cheios de gente / centenas // o outro / que há em mim  
/ é você / você / e você // assim como / eu estou em você / eu estou nele /  
em nós / le só quando / estamos em nós / estamos em paz / mesmo que  
estejamos a sós (Paulo Leminski – contranarciso, 1983, p. 12).*

O presente dossiê propõe ressaltar as dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas presentes nos processos educativos cotidianos, apontando para as possíveis articulações nos encontros que fazemos nas/das/com as redes educativas que formamos e nas quais nos formamos (ALVES, 2015). Dessa maneira, buscamos reunir narrativas relacionadas a experiências e encontros que nos levam a *sentir/fazer/pensar* porque estão implicados em redes heterogêneas e dinâmicas de sentidos, movimentando sons, imagens, cheiros, falas, toques, gostos, sabores etc., que forjam acontecimentos nos múltiplos processos curriculares desenvolvidos nos cotidianos escolares. Afinal, “as coisas

---

\* Doutora em Ciências da Educação. Professora emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora emérita pela FAPERJ com exercício no ProPEd/UERJ-campus Maracanã e no PPGEDU/UERJ-campus S. Gonçalo. Pesquisadora sênior do CNPq. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons. *E-mail*: <nildag.alves@gmail.com>.

\*\* Doutora em Educação. Professora na Faculdade de Formação de Professores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons. Bolsa Pós-doutorado FAPERJ Nota 10. Coordenação de projetos compostos por artes e tecnologias. *E-mail*: <noaletoja22@gmail.com>.

\*\*\* Doutor em Educação. Professor de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica e do Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons. *E-mail*: <leonardorangelreis@gmail.com>.

não existem sem o horizonte do mundo e não existe o mundo sem o horizonte das coisas” (CAMINHA, 2019, p. 50).

A arte nos abre para um mundo que não pode ser transparente, como no pensamento, um mundo que se apresenta por “confusão, por narcisismo, inerência daquele que vê ao que ele vê, daquele que toca ao que ele toca, do senciante ao sentido – um si que é tomado, portanto, entre coisas, que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro” (MERLEAU-PONTY, 2014, p. 14). A arte nos abre para que, através do sentir que se imiscui nas coisas, com horizontes estranhos e familiares, e através de nossos corpos, possamos nos conhecer como tecido do mundo, no qual as coisas se encontram de tal forma indivisíveis que não é possível separar o dentro e o fora, mas apontar que os acontecimentos ocorrem nos tantos *dentrofora* (ALVES, 2015) nas/das/com as diversas redes educativas cotidianas que nos transformam.

Desse modo, as redes educativas nos conduzem ao cuidado atencioso com o mundo, através da comunicação perceptiva e imaginativa, apontando que o corpo humano está aí, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um sentido e o outro, entre uma mão e a outra, afinal, “a escola é o tempo e o lugar onde temos um cuidado especial e interesse nas coisas, ou, em outras palavras, a escola focaliza a nossa atenção em algo” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2013, p. 51).

Ao destacar as dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas das redes educativas, o presente dossiê problematiza nossa relação com o mundo, já que é o mundo que nos impõe limites e nos apresenta possibilidades, criando-nos a partir dos afetos presentes nas redes educativas que formamos e que nos formam (ALVES, 2015). Assim, este dossiê é um presente, uma composição (TADEU, 2002) de mãos pesquisadoras, *discentesdocentes - praticantespesantes* da educação e da vida; composição de linhas, tecidos e bordados, cartografias de afetos, sensações urbanas, rurais e virtuais.

No artigo intitulado *Ciberdocumentário AmarElo como dispositivo de experiências culturais periféricas*, Rosemary dos Santos, Alexsandra Barbosa e Amanda Reis dos Santos apresentam as potências dos artefatos culturais como dispositivos de conversas que acessam as experiências culturais periféricas contemporâneas. As autoras fazem uso do ciberdocumentário *Emicida: AmarElo – é tudo pra ontem*, de Emicida (2019), com posicionamentos contra narrativas hegemônicas de violência e intolerância, ao mesmo tempo em que defende o antirracismo, o feminismo e o direito às liberdades individuais, em *espaçotempos* virtuais como possibilidade de compartilhamento de modo mais democrático.

Já o texto *Estética, política e currículo com Jean-François Lyotard*, de Anderson Ignacio Oliveira e Alice Casimiro Lopes, se inspira no pensamento de Jean-François Lyotard para defender a opção pelas singularidades e afirmar que a valorização da diferença não significa o abandono da política, apontando para possibilidades de estetização do currículo e estetização das políticas de currículo.

Hociene Nobre Pereira Werneck, Carlos Pereira de Melo e Janete Magalhães Carvalho nos convidam a repensar as políticas meritocráticas que aliançam processos de formação continuada à progressão funcional de professores/as, dissociando-os/as da educação da sensibilidade. Dessa maneira, no texto *Entre o inteligível e o sensível: a potência dos agenciamentos éticos, estéticos e políticos em formação continuada de professores/as*, as autoras e o autor argumentam a favor da formação baseada na relação entre o inteligível e o sensível, apostando numa educação ampliada que enlaça as dimensões éticas, estéticas, políticas, movimentando os modos de vida dos/das professores/as e fortalecendo um corpo docente coletivo, inventivo e problematizador dos processos cristalizados.

Em *Era uma casa muito engraçada: a persistência da educação rural multisseriada em Japi/RN*, André de Souza Soares apresenta os desafios acerca do funcionamento da educação rural na etapa dos anos iniciais, em Japi/RN, no contexto pós-pandemia da Covid-19 (2021-2022). O autor busca aguçar os sentimentos e pensamentos relativos às escolas rurais isoladas e precárias de nosso tempo, ainda imersas numa bruma silenciosa, criando narrativas mobilizadas por imagens, falas de docentes, criações, toques e gestos que clamam por ação, reação e visibilidade.

*Pistas de devir-criança dolda pesquisador/a: linhas de fuga do dispositivo da redenção*, de Adilson Cristiano Habowski e Cleber Gibbon Ratto nos brinda com a importância de recuperar as brincadeiras ancestrais e tradicionais como *espaçostempos* de experimentações dentro das escolas, para criar novas conversas com o brincar a partir dos usos das tecnologias digitais. As noções conceituais do trabalho derivam da perspectiva genealógica criada por Michel Foucault, afirmando o brincar junto das/com as crianças como aberturas de espaço para devir-criança, atualizando e inventando mundos.

*Modos de inventar-praticar currículos e formação docente com vassouras de bruxa*, de Sunamita Souza e Tânia Delboni, aposta nas poéticas e estéticas da pesquisa como invenção e prática-política de experimentação de outros modos de *pensar-fazer* currículos e formação docente, trazendo os movimentos micropolíticos que resistem aos mecanismos de hegemocratização da educação e potencializam um currículo inventivo, forjado nos cotidianos das escolas. A pesquisa movimenta-se no encontro com a filosofia da diferença, utilizando a cartografia rizomática como abordagem metodológica, possibilitando *vaguear-voar* em vassouras de bruxa para transitar por um campo de forças que destitui a representação e a forma, apostando na formação docente como lugar de invenção e resistência aos modos de viver subordinados à lógica do capital.

*Devir-Pele: performances que rasuram currículos* experimenta a performance no campo da educação como invenção de currículos cujas criações fazem surgir novas peles, constituindo-se como efeitos das insurreições que desfazem versões oficiais. Dessa maneira, Ana Carolina Justiniano e Carlos Eduardo Ferraço discutem a possibilidade de trazer a criação como pele, forjando existências fugidias, provisórias e problematizando as performances como imanências que acontecem nos fluxos cotidianos. A autora e o autor

ressaltam a força política da escola pública na criação de performances que se inventam em diversas redes educativas ao potencializarem a criação como forma de resistir coletivamente.

Em *Ecce Femina pela cosmopolítica das linhas: tecendo bordados com mulheres e bruxas e grãos e animais nas redes educativas*, Noale Toja, Claudia Regina Pinheiro Ribeiro Chagas e Leonardo Rangel procuram poetizar as noções de linhas, pontilhados e movimentos, com uma trama formada a partir de Nilda Alves, Tim Ingold e Jan Masschelein, entre outras e outros. Buscam compreender como é possível conceber as redes educativas por meio da cosmopolítica das linhas, agregando os movimentos realizados por mulheres, bruxas, animais e grãos. Dessa maneira, as autoras e o autor sugerem que seguir as linhas facilita compreender e experimentar as potências dos variados encontros nas intensidades das diversas linhas emaranhadas que nos ‘formam’ e que ajudamos a transformar.

Janete Santos da Silva Monteiro de Camargo, Izaque Pereira de Souza e Teresa Kazuko Teruya, em *Significados culturais da capulana: possibilidades para o ensino de História Afro-Brasileira e Africana*, investigam o significado desse artefato na cultura moçambicana, sua origem, seus usos e a produção de sentidos culturais e artísticos, tornando o tecido capulana um artefato curricular, mostrando-o como dispositivo para efetivação da Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Básica. As autoras e o autor evidenciam as tramas criadas em torno do tecido, pois são diversos os modos de uso realizados por homens e mulheres nos cotidianos dos povos que habitam o continente africano.

Em *Pela janela da minha casa: experiências de ações curriculares com as artes na pandemia*, Rafaela Rodrigues da Conceição, Roberta Guimarães Teixeira e Talita dos Santos Malheiros Gregorio fazem a junção das narrativas de três educadoras/pesquisadoras acerca de ações curriculares com as artes durante o período pandêmico (2020-2022), evidenciando a potência das artes e dos artefatos culturais no *fazerpensar* o currículo escolar para além de fundamentalismos pedagógicos, regulações e normatividades. As autoras contam com caminhos traçados pela arte como potência dos modos de *fazerpensar* os currículos.

O dossiê se encerra com *O direito a olhar a partir da ousadia das crianças: compartilhando uma experiência de “fazersentirpensar”*, de Dagmar de Mello e Silva, Leiliane Domingues da Silva e Tatiana Gonçalves Chaves, que apresentam a pesquisa pautada no projeto *Produzindo Ambientes Multiletrados na Escola*. O texto é um convite a *sentirpensar* a ousadia de uma educação ‘menor’ na educação escolarizada, a partir da experiência numa escola pública de ensino fundamental na comunidade da Mangueira, RJ.

Boa leitura-experimentação!

## Referências

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: GARCIA, Alexandra & OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.) *Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. *10 lições sobre Merleau-Ponty*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- LEMINSKI, Paulo. *Caprichos e relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MASSCHELEIN, Jan & SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosacnaify, 2014.
- TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição – Spinoza + Currículo + Deleuze. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 47-57, 2002.